

roso". A todos a Parca vigilante olha com inflexível justiça, que eleva a dor e pune o gozo material: premia o bem, castiga o mal.

Note-se a semelhança entre os dois últimos versos do segundo quarteto com os seguintes, também os dois últimos, da 51.^a estrofe do Canto III, d"Os Lusíadas":

*"Mas o de Luso arnês, couraça e malha
Rompe, corta, desfaz, abola e talha."*

E, outrossim: compondo soneto, ainda aqui na Terra, no qual se refere às olorosas palmas do Bem e aos cardos aculeíferos do Mal, o mesmo gigante poeta nos dá viva demonstração da sua crença num Ente Supremo. Eis esse soneto:

*"Os milhões de áureos lustres coruscantes
Que estão da azul abóbada pendendo:
O sol, e a que ilumina o trono horrendo
Dessa que anima os ávidos amantes:*

*As vastíssimas ondas arrogantes,
Serras de espuma contra os céus erguendo,
A ledra fonte humilde o chão lambendo,
Lourejando as searas flutuantes:*

*O vil mosquito, a próvida formiga,
A rama chocalheira, o tronco mudo,
Tudo o que há Deus a confessar me obriga.*

*E para crer num braço, autor de tudo,
Que recompensa os bons, que os maus castiga,
Não só da fé, mas da razão me ajudo."*

Soneto X

4-12-1946

*Pobre vate de vão merecimento,
Que viveste a esbanjar talento e rimas,
Foge ao sonho mendaz que desestimas,
Nem procures Harpias do Tormento.*

*Chora, Bocage, a perda que lamento
— O desprezo do tempo em vários climas,
Dura lembrança que também lastimas,
Na paz buscando imoto esquecimento.*

*O que é da Terra, clama, tudo passa:
Tanto a flor veludosa da Ventura,
Quanto o acerado acúleo da Desgraça.*

*De Citereia foge a formosura;
E enquanto o escrinio vil é dado à traça,
Os empíreos vergéis a alma procura!*

O poeta lastima o esbanjamento de seu talento e de suas horas. Tudo isto, clama-nos, lhe foi sem proveito, pois tudo é fugidio neste planeta, onde ilusórias são a

aura da Ventura e o furacão da Desgraça. Nem a uma, nem a outra devemos dar importância maior; cumpre-nos fruir a efêmera felicidade, como suportar os não menos fugazes reveses, com o olhar posto em esferas mais elevadas, para onde o Espírito voa, deixando à destruição o invólucro provisório. Construamos, pois, com vistas à Eternidade; nem a obra do Senhor de todos os seres se firmaria em tão perecível fundamento, quais as ilusões da Terra.

— /// —

— 48 —

Soneto XI

5-12-1946

*Louvores não entoas ao pego impuro
De vaidades cruéis e vis mentiras,
Sublime e casta Musa, que suspiras
Pela Terra perfeita do futuro.*

*Patrocina-me o plectro mal seguro,
Pobre arrabil ao pé de doutas liras;
Alimenta a esperança, que me inspiras,
Nos páramos ditosos que procuro.*

*Ninfa maravilhosa, vem comigo,
Concede ao vate humilde, que te adora,
O niveo braço, o terno peito amigo!*

*Guia-me o passo incerto vida a fora!
Abre-me as portas do Divino Abrigo,
Vênus Celeste da Divina Aurora!*

Aconselha o poeta que não devemos dedicar a inteligência às coisas mesquinhias, mas aspiremos a um mundo melhor, sonhando um planeta perfeito, onde viva-

— 49 —